



## GT 6 – TEMA: MARXISMO E AMAZÔNIA

**PRAÇA DOS BOIS OU PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO?** O trabalho informal em uma perspectiva de gênero em Parintins/Am

Rosemere Barbosa Guimarães<sup>1</sup>  
Célia Maria Nascimento de Oliveira<sup>2</sup>

### RESUMO

A praça dos bois é um espaço público disputado por homens e mulheres, jovens e idosos. Este estudo analisa o trabalho informal em Parintins/Am numa perspectiva de gênero. Os sujeitos da pesquisa são 05 mulheres que ocupam os espaços da praça dos bois há pelo menos 02 anos. A pesquisa revelou que essas mulheres vêem no trabalho informal a possibilidade de inserção no mercado de trabalho. Que enfrentam uma tripla jornada de trabalho e sentem-se ameaçadas pela incerteza econômica. Por fim, conclui-se que essa realidade em Parintins revela a outra face da cidade do Folclore.

**Palavras chave:** Trabalho informal, Gênero, Parintins.

### ABSTRACT:

The bullring is a public space for men and women, young and old. This study analyzes the informal work in Parintins / Am

<sup>1</sup>Estudante de Pós-graduação em Serviços Social e Sustentabilidade na Amazônia-UFAM. E:mail: [r\\_bguimaraes@hotmail.com](mailto:r_bguimaraes@hotmail.com). (92) 99392-2114.

<sup>2</sup>Aluna Especial Pós-graduação em Serviços Social e Sustentabilidade na Amazônia - UFAM. E: mail: [celia\\_mani@hotmail.com](mailto:celia_mani@hotmail.com).

from a gender perspective. The subjects of the survey are 05 women who have occupied the spaces of ox square for at least 2 years. The research revealed that these women see in informal work the possibility of insertion in the job market. They face a triple working day and feel threatened by economic uncertainty. Finally, it is concluded that this reality in Parintins reveals the other face of the city of Folklore.

**Keywords:** Informal work, Gender, Parintins.

## 1 INTRODUÇÃO

Na década de 90, com as profundas e celeradas mudanças conjunturais e estruturais oriundas do processo de industrialização e cujos impactos sobre o mercado de trabalho, são visibilizadas e discutidas as sequelas da Questão Social que nada mais é que o conjunto das desigualdades sociais que tem sua raiz nas contradições capital/trabalho (IAMAMOTO, 2006).

Nesse processo, a sociedade dividida por classe em que de um lado estão os capitalistas (detentores dos meios de produção) e de outro os trabalhadores (que vendem sua força de trabalho) originam tensões e conflitos em que são estreitados cada vez mais. Essa divisão reconhecida pelos trabalhadores ganha uma dimensão política e social em que se vêem ameaçados pelo capitalismo e cresce a revolta, ou seja, “os trabalhadores começam a se sentir como uma classe; começam a perceber que, embora fracos como indivíduos, formam um poder quando unidos” (HURBEMAN, 1959, p. 190).

Entre crises e conflitos, foi e é assim que o capitalismo maduro caminhou e caminha para a manutenção de suas ideologias configuradas nas festas populares, na cultura, agricultura e em outros espaços criando uma aliança com o Estado que está cada vez mais omissa com suas responsabilidades quanto à questão social. Opera em um intenso caminho para o terceiro setor - ONGs, OSCIPs, Associações, Fundações dentre outras onde a institucionalização do trabalho informal é uma das perversas expressões do sistema econômico vigente.

Aqui, referimo-nos ao trabalho informal como uma profunda mudança no mundo do trabalho, desprovido de direitos legais trabalhistas (FGTS, férias, décimo terceiro,

sem carteira assinada etc.) condição que se amplia a cada dia para a classe trabalhadora. Vimos dentro dessa contextualidade, da era da informatização, a informalização do trabalho, dos terceirizados, precarizados, subcontratados, flexibilizados, trabalhadores em tempo parcial (ANTUNES, 2010, p. 106).

A Amazônia traz na sua historicidade perdas e danos como resultado do processo histórico de expansão do modo capitalista e das suas formas de invenção: mercantilismo, colonialismo, imperialismo, internacionalismo e globalismo (NOGUEIRA, 2008, p. 23). Nesse construto, as cidades vão se formando com estratégia de edificação do modelo econômico que explora e oprime, que se apropria da cultura, da agricultura, dos conhecimentos e saberes dos povos tradicionais em detrimento dos seus interesses. Desse modo, corroboramos, que as cidades são entidades sociais criadas por processos econômicos, principalmente o comércio e com isso, desde a organização colonial desordenada a Amazônia tem se tornado estranha à própria população que nela habita (BECKER, (2013, p. 18).

Parintins é uma cidade do interior do Baixo Amazonas, situada a 368,8 km da capital Manaus. De acordo com o IBGE (2010) este município compreende uma população de 102.066 habitantes, sendo 69.890 na zona urbana e 32.143 na zona rural, e, não diferente de outras cidades, experimenta as várias expressões da Questão Social dentre as quais podemos citar saúde, desemprego, violência, segurança, habitação e lazer. É conhecida nacional e internacionalmente pelo maior festival folclórico que ocorre no último final de semana do mês de junho. Atrai centenas de visitantes dos mais distantes lugares que vislumbram com a magnífica disputa entre dois bois de pano: Garantido representado pela cor vermelha e Caprichoso representado pela cor azul. As apresentações ocorrem no bumbódromo, espaço estilizado a uma cabeça de boi com capacidade para pelo menos 15 mil pessoas<sup>3</sup>.

De um modo geral sobre o objeto deste estudo, que não é uma discussão recente, mas considera-se de grande relevância sobretudo, quando pensamos no contexto amazônico, no processo histórico tem suas particularidades múltiplas, inventadas e recriadas onde o debate de gênero movimentava o silêncio imposto pela

---

<sup>3</sup> Dados obtidos de <http://www.m.g1.globo.com>. Acessado em 20 de setembro de 2015.

cultura do patriarcado que se redimensiona nas relações de gênero ultrapassando a “concepção binária de oposição entre os sexos (TORRES, 2005, p. 25). E o trabalho informal como resultado das contradições capital/trabalho configura formas de trabalho precarizado, instável, subordinado desde o processo desorganizado da implementação das políticas públicas para as populações desta imensa e empobrecida região.

Hirata (2009) define o trabalho precário a partir de três indicadores: ausência de proteção social e de direitos sociais; horas reduzidas de trabalho e, conseqüentemente, salários baixos e baixos níveis de qualificação. Esses indicadores, afirma a autora, “direcionam-se para uma marcada divisão sexual da precariedade, já que as mulheres são mais numerosas do que os homens tanto no trabalho informal quanto no trabalho em tempo parcial.” (HIRATA, 2009, p. 26).

Diante disto, a presença feminina no mundo do trabalho deve ser olhada pela lente da ciência política e econômica para uma possível compreensão das condições a que são submetidas e como essas mulheres reagem impactando mudanças no espaço público e privado sobretudo, na região amazônica.

## **2 VOZES DAS MULHERES DA PRAÇA DOS BOIS EM PARINTINS/AM**

Os resultados aqui apresentados expõem os principais tópicos abordados nas entrevistas fazendo referência ao objeto deste estudo. Para tanto utilizamos o método dialético com abordagem qualitativa. As análises dar-se-ão em acordo com os objetivos da pesquisa em que buscamos apreender: a) Horas trabalhadas e Divisão Sexual do trabalho; b) Dificuldades e Satisfação no Mercado de Trabalho; c) Concepções de Ser Mulher.

Durante a pesquisa de campo identificamos pelo menos 150 espaços de trabalho na praça dos bois distribuídos entre lanchonetes, bancas de churrasco, de tacacá, de bombons, carros ambulantes de bebidas (cerveja, refrigerantes, caipirinha e demais bebidas fortes), de cds piratas, artesanatos e outros ocupados por mais 250 trabalhadores e trabalhadoras.

Participaram da pesquisa 05 mulheres que trabalham na Praça dos Bois. Essas mulheres têm faixa etária entre 25 a 36 anos, 03 são casadas e 02 são solteiras, 02 tem 02 filhos, 02 tem 03 filhos, 01 não tem filho, 02 mulheres concluíram o ensino fundamental, 02 mulheres têm o ensino médio incompleto e 01 mulher cursa o ensino superior. Como técnica de pesquisa de dados optou-se por entrevista com um roteiro semiestruturado, visando dar voz aos sujeitos investigados.

Os critérios de escolha da amostra se deu por tempo de trabalho na praça em que exigiu-se no mínimo 02 anos, possibilidade para uma melhor apropriação das condições vivenciadas por essas mulheres no seu cotidiano. As entrevistadas serão denominadas no decorrer das análises de **entrevistada 1**, **entrevistada 2**, **entrevistada 3**, **entrevistada 4**, **entrevistada 5** conforme acordado durante a pesquisa de campo.

No espaço da Praça dos Bois estão homens e mulheres, adolescentes, jovens e adultos numa disputa inevitável pela sobrevivência. Dentre os sujeitos desta pesquisa 02 trabalham em lanchonetes (01 é proprietária e 01 somente vendedora), 01 com vendas de churrasco (proprietária), 01 em carro ambulante (de bebidas, é proprietária) e 01 em bar (garçonete). Referente à quantidade de horas trabalhadas nos referidos espaços de trabalho na praça as entrevistadas responderam que trabalham entre 7 a 12 hs em dias consecutivos tendo uma folga na semana a ser estabelecido pelo empregador.

As horas trabalhadas por essas mulheres reflete o peso da maternidade: os filhos não seriam a causa maior de essas mulheres trabalharem heroicamente? É possível observar nas narrativas que “a mulher parece ver melhor, que, o sentido da vida não se reduz ao ter, mas é mister incluir o ser”. (DEMO, 2005, p. 178). O autor refere-se aos sonhos das mães para os filhos, que não estão apenas aos bens materiais, mas acima de tudo, que possam ser alguém na vida, que estudem e tenham uma profissão que possibilite melhores condições de vida.

A classe-que-vive-do-trabalho é tanto masculina quanto feminina tornando-se mais diversa, heterogênea e complexificada (ANTUNES, 2010, p. 51). Apreender a exploração das contradições capital/trabalho e a opressão presente na relação homem/mulher na sociedade contemporânea tem sido uma tarefa árdua aos

movimentos de mulheres. A resistência ao sexismo, homofobia, machismo e qualquer tipo de violência contra mulheres tem mostrado os impactos dos movimentos de mulheres. Isso reflete o poder e o papel político que têm tendo que ser manifestado na organização e determinação, de modo que, as mulheres empoderem-se, aqui com sentido de emancipação. “O empoderamento é visto como a base para gerar visões alternativas por parte da mulher, assim como pelo qual estas visões se tornarão realidades, à medida que as relações sociais mudarem”. (DEERE, LEON, 2002, p. 53).

A divisão sexual do trabalho, que é a forma da divisão social do trabalho decorrente das relações sociais por sexo, impunha às mulheres um ônus bastante pesado, mas, a sua capacidade de organização e agilidade nos trabalhos, decantam serem capazes de sustentar sua família. Sinalizam não ser fácil fazer os homens entenderem que a casa é de todos, que os filhos são do casal e que, portanto, o trabalho também deve ser dividido igualmente. Ouçamos suas vozes:

*Estamos casados há 10 anos e temos 02 filhos. E desde que essas crianças chegaram eu enfrento uma luta na divisão do trabalho. Ele não quer fazer certas coisas, mas, de tanto insistir, acaba fazendo...eu canto e decanto sempre: os filhos, a casa e a renda tem que ser dividido. Mesmo assim, eu trabalho mais que ele. (Entrevistada 1, pesquisa junho de 2017).*

*O homem é muito machista mesmo, acha que vai ser diminuído se pegar uma vassoura, uma panela. Mas comigo o negócio é diferente. Nossa! Mas, isso é motivo para muitas discussões. (Entrevistada 2, pesquisa junho de 2017).*

*A minha vida é movida pelo meu trabalho. Trabalhando eu posso comer, beber, calçar e vestir. Trabalho muito, mas, eu gosto ainda mais quando o movimento é bom. Me sinto desafiada quando meu marido não quer fazer nada em casa. Ele trabalha fora e acha que quando chega vai ficar só de boa. A gente briga muito por isso, mas ele faz...leva as crianças na escola, faz a janta, lava as louças etc. quando vou pra praça vender ele cuida da casa e das crianças, se não quando eu chego, huuum!. Mas botei pra valer mesmo, senão...(risos). (Entrevistada 3, pesquisa junho de 2017).*

*A praça foi o melhor que inventaram, agora todos se fincaram aqui e não tem como tirar nós daqui. Se tirarem, vai ser muito difícil pra nós que trabalhamos aqui. É aqui que eu tiro o sustento da minha família...eu nem sei como vai ser se resolverem tirar nós daqui. Em casa eu que faço a comida, lavo. Os filhos ajudam na limpeza da casa e outras coisas que não mexe com o fogão porque tenho medo. (Entrevistada 4, pesquisa junho de 2017).*

*Sendo casada ou solteira todos precisam trabalhar. Eu tô estudando e pra me manter na faculdade eu preciso trabalhar porque meus pais não têm como me sustentar...mas nesse bar eu trabalho mais do que o previsto em lei. Mas não tenho escolha...é pouco, mas ajuda, e muito. (Entrevistada 5, pesquisa junho de 2017).*

As narrativas apontam para uma reflexão importante que parte dos seguintes questionamentos: O que leva essas mulheres a ter coragem de enfrentar seus cônjuges na divisão do trabalho doméstico? Escolaridade, informações, rodas de conversas com outras mulheres, a cultura? Importante pensarmos o posicionamento destas mulheres quando mostram-se conscientes, reconhecem-se como mulheres interventiva na relação com seus cônjuges, mesmo que, ainda, tenham que enfrentar a opressão do sistema capitalista.

A divisão sexual do trabalho tem por base o binarismo homem/mulher o que implica em um peso maior às mulheres que acabam ficando com mais afazeres do que os homens. Kergoat (2003, p. 56) afirma que essa forma de divisão social do trabalho opera a partir de dois princípios: “o princípio da separação - existem trabalhos de homens e de mulheres – e o princípio de hierarquização – um trabalho de homem vale mais que um trabalho de mulher. ”

Observa-se, nas vozes das entrevistadas o reconhecimento de que trabalham mais que os homens, mas não naturalizam os cuidados com os filhos, com os afazeres domésticos. Impõem-se, corroborando com a desnaturalização de papéis e lugares fixados à elas. Isso revela que as representações socioculturais a respeito da maternidade e dos papéis de donas-de-casa vão se redefinindo e se reconstruindo no imaginário social dos mais jovens, das novas gerações sinalizando que o debate de gênero está adentrando nas relações sociais destas famílias.

Nas narrativas das 05 entrevistadas ecoa a satisfação pela independência econômica. Alegam que mesmo trabalhando muito preferem ter seu próprio dinheiro a pedir qualquer valor ao cônjuge ou namorado. Afirmam que participar da renda da família a faz “poderosa”, ter voz dentro de casa dando um sinal de que no cenário atual as mulheres já são vistas, exigem respeito, mesmo negado muitas vezes pelos homens, que é provedora da família.

*Quando a mulher trabalha e ganha igual ao esposo, às vezes ele não gosta, porque os homens gostam de sentir superior. E no meu caso é igual pra igual. Ele não pode reclamar de nada. Porque nós trabalhamos juntos. Só em casa que ela não faz quase nada. Mas na divisão do dinheiro é junto rsrs. (Entrevistada 1, pesquisa junho de 2017)*

*Eu me sinto inteira. Quando nós não tínhamos esse lance e precisava de algo eu tinha que pedir dele e sempre era de um jeito que eu não gostava. Agora eu*

*me sinto feliz, mas tenho sonho de ter algo melhor pra melhorar nossas condições de vida. (Entrevistada 2, pesquisa junho de 2017)*

*Hoje eu posso comprar minhas coisas pessoais, sem depender de outras pessoas. Trabalhar e ter nosso dinheiro é tudo de bom. (Entrevistada 1, pesquisa junho de 2017).*

*Independência econômica tem que ser uma conquista. Eu gosto do meu trabalho, mas se pudesse escolhia um que pagasse mais e me desse meus direitos. Porque nesse a gente não recebe esses direitos. Nem assinam nada. (Entrevistada 1, pesquisa junho de 2017).*

*Eu estou estudando porque eu não quero esse trabalho, a gente ganha mal e trabalha muito. Eu saio tarde do trabalho e estudo de manhã...é bem complicado. (Entrevistada 5, pesquisa junho de 2017)*

Neste contexto, verifica-se que a transnacionalização da economia e sua influência no mundo do trabalho - informalidade, flexibilidade e precarização – também afetam sobretudo, as relações sociofamiliar.

Desse modo, as mulheres entrevistadas veem-se desprovidas de direitos que na velhice, poderiam prover suas necessidades. As condições em que essas mulheres vivem não dá esperança de um outro trabalho e nem tão pouco de prosseguir seus estudos e concorrer a uma vaga no mercado formal. Segundo Sina (2005, p. 125) as mulheres têm entre os sonhos que alimenta em primeiro lugar, com 52%, o de crescer profissionalmente, seguido de ver os filhos bem encaminhados na vida (49%), ter dinheiro para comprar tudo que desejam e (47%) e ser financeiramente (39%) independente. É o que nesse momento de suas vidas essas mulheres buscam, atender às necessidades de seus filhos lutando dia após dia para que seus sonhos de ter estudado, ser servidora pública seja realizado por estes, já que até o momento a elas não foi possível.

Indagamos sobre as condições de Ser Mulher as narrativas apontam que se pudessem escolher entre ser homem ou mulher continuariam a ser mulher.

*A questão não é ser homem ou ser mulher. A questão é a desigualdade... os homens entenderam que são eles quem manda. Que as mulheres têm que ser chocalho rsrs deles. Aí complica, porque eu não aceito isso. Comigo mulheres e homens têm direitos iguais. Eu me amo como Mulher e não desejaria ser homem nunca. (Entrevistada 1, pesquisa junho de 2017)*

*Eu sou mulher. Eu me sinto preparada para competir com qualquer homem. E não gosto quando outras mulheres vêm me ver como coitadinha. Eu sou batalhadora igual muitos homens que estão aqui na praça. As nossas condições não são diferentes não. Muitos homens aqui não deixam as mulheres deles trabalhar porque eles gostam é de ver elas dependente. (Entrevistada 2, pesquisa junho de 2017)*



*Enfrentamos precariedade no nosso trabalho, mas hoje eu posso comprar minhas coisas pessoais, sem depender de outras pessoas. Trabalhar e ter nosso dinheiro é tudo de bom. (Entrevistada 1, pesquisa junho de 2017).*

*Independência econômica tem que ser uma conquista. Eu gosto do meu trabalho, mas se pudesse escolhia um que pagasse mais e me desse meus direitos. Porque nesse a gente não recebe esses direitos. Nem assinam nada. (Entrevistada 1, pesquisa junho de 2017).*

*Eu sou mulher, independente de sexualidade. E jamais gostaria de ser homem. Os homens não são melhores que nós...eles querem sustentar que são melhores porque foi imposto a eles que são eles quem manda...dependendo com quem ele se relaciona pode mudar ou não essa visão. Mas a mulher pode ser a provedora da casa. (Entrevistada 5, pesquisa junho de 2017).*

É possível compreender por meio das narrativas é que venha “acabar com os obstáculos à igualdade de oportunidades que surgem da discriminação explícita ou implícita baseada no sexo” (DEERE e LEÓN, 2002, p. 48) para que homens e mulheres possam ter acesso a bens e serviços independente do sexo. Portanto, enquanto papéis, lugares e trabalho persistirem na divisão por sexo ambos não terão as mesmas oportunidades.

#### **4 NOTA CONCLUSIVA**

A partir dos dados aqui analisados podemos inferir que a precariedade é máxima no contexto de trabalho quando analisamos as relações de trabalho pela lente da divisão social do trabalho e das relações sociais baseada no sexo. Historicamente as mulheres, a partir dos movimentos feministas e de outros movimentos de mulheres trabalhadoras camponesas, quilombolas, indígenas muitas mudanças ocorrem e isso deve-se considerar. Contudo, é inevitável que a continuidade da opressão e exploração de mulheres tenha mais visibilidade e maior repercussão no mundo do trabalho, dado à dinâmica perversa das forças produtivas que é sexista e sobretudo, pela história de inferioridade e subordinação.

Nas narrativas foi possível observar uma tripla jornada de trabalho das mulheres em que ao mesmo tempo que se percebem vítimas do sistema opressor, se impõem. Não negam tal condição, porém, enfrentam dentro de suas precárias condições manter-se viva, sonhando para seus filhos dias melhores. Para si, sinalizam poucas

expectativas, mas dão sentido ao trabalho que realizam pois, dele como afirmam, alimentam suas famílias.

Os resultados aqui analisados despontam outra face da cidade do folclore, onde as mulheres mostram um desenho da realidade em que vivem. Por fim, pretende-se avançar nessa pesquisa, desta vez para ouvir as vozes dos homens e conhecer seus anseios, suas dificuldades, seus sonhos no mundo do trabalho.

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 14ª edição. São Paulo: Cortez, 2010.

BECKER, Berta. **A Urbe Amazônica:** a floresta e a cidade. 1ª edição. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

DEERE, Carmem Diana; LÉON, Magdalena. **O empoderamento da mulher:** direitos à terra e direitos de propriedade na América Latina. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

DEMO, Pedro. **Dureza:** pobreza política de mulheres pobres. Campinas: SP: Autores associados, 2005.

HUBERMAM, Leo. **História da Riqueza do Homem.** Traduzido da 3ª edição. Editora: Guanabara – Koogan. Rio de Janeiro, 1959.

KERGOAT, Danièle. Divisão Sexual do Trabalho e Relações Sociais de Sexo. In: **Trabalho e Cidadania Ativa para as Mulheres:** desafios para as Políticas Públicas. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003.

MARX, Karl. **O Capital**, Vol.1/1. Editora: Civilização Brasileira, Rio de Janeiro

NOGUEIRA, Wilson. **Festas Amazônicas:** boi-bumbá, ciranda e sairé. Manaus: Editora Valer, 2008.

SINGER, Paul. **Globalização e desemprego:** diagnóstico e alternativas. 7ª edição: São Paulo: Contexto, 2006.

SINA, Amália. **Mulher e Trabalho:** o desafio de conciliar diferentes papéis na sociedade. São Paulo: Saraiva, 2005.

TORRES, Iraídes Caldas. **As Novas Amazônicas.** Manaus: Editora Universidade Federal do Amazonas, 2005.